



O BRINQUEDO DE MIRITI COMO CULTURA NO CURRÍCULO DA ESCOLA BÁSICA¹

Lídia Sarges Lobato

Pedagoga pela UFPA

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica/PPEB/ICED/UFPA/

lidiasarges@yahoo.com.br

Joyce Otânia Seixas Ribeiro

Professora do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades/CAAB/UFPA/

joyce@ufpa.br

Resumo: O presente artigo intitulado **O brinquedo de miriti como cultura no currículo da escola básica** tem como objetivo traçar relação entre o currículo e cultura por meio do brinquedo de miriti como patrimônio cultural. Como referencial teórico acionamos Canclini (1989) para esclarecer sobre patrimônio cultural e Moreira e Candau (2007) para refletir o currículo. O trabalho foi elaborado por meio de pesquisa teórica, com revisão de literatura e análise. Entre os resultados podemos afirmar que o brinquedo de miriti é central para Abaetetuba, pois sustenta uma tradição e o patrimônio cultural. Apesar da relevância, o debate sobre este artefato não chega até a escola em razão das demandas por conhecimentos que garantam as avaliações em larga escala. Concluímos pela necessidade de ressignificar o currículo.

Palavras-chave: Brinquedo de Miriti. Tradição. Patrimônio Cultural. Currículo.

Introdução

A tradição do brinquedo de miriti é marca identitária do município de Abaetetuba. O brinquedo de miriti tornou-se patrimônio cultural imaterial do estado do Pará, pela lei estadual nº 7433 de junho de 2010 e considerado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como elemento estruturante do Círio de Nazaré, em Belém, uma das maiores festas religiosas do país.

O objetivo deste trabalho é traçar relação entre o currículo e cultura por meio do brinquedo de miriti como patrimônio cultural. Para alcançá-lo, o referencial teórico que acionamos conta com Hobsbawm (1984), Williams (1979; 1992), Moreira e Candau (2007), Veiga-Neto (2004) e Gomes (2007). O trabalho foi realizado por meio de pesquisa teórica, procedendo à revisão de literatura pertinente, documentação temática e análise. Os resultados estão organizados da seguinte maneira: iniciamos apresentando o brinquedo de miriti explorando as noções de tradição e de patrimônio cultural, levantando questionamentos acerca de sua invisibilidade do currículo escolar. Encerramos com uma reflexão sobre as demandas por avaliações em larga escala, destacando as possibilidades da relação cultura-currículo.

¹ Este trabalho fez parte das atividades curriculares do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica.



1. O brinquedo de miriti: tradição inventada e seletiva

Abaetetuba é considerada *A Capital mundial do brinquedo de miriti*, e está localizada a poucas horas de Belém, capital do estado do Pará, às margens do Rio Maratauíra; esta cidade ribeirinha encanta e contagia os visitantes com sua cultura do miriti. Com uma tradição que tem sua origem popular, como argumenta Hobsbawm (1984), neste caso é muito difícil conhecer sua origem precisa. Ao longo da história da humanidade o conceito de tradição foi negligenciado pelo pensamento cultural marxista, visto como algo secundário; isso porque a “[...] “tradição” foi comumente entendida como um segmento relativamente inerte, de uma estrutura social: a tradição como sobrevivência do passado” (WILLIAMS, 1979, p. 118). Mas vamos concordar que essa versão de tradição tão somente como sobrevivência do passado é muito frágil, deste modo Williams (1979, p. 118) nos apresenta outra versão: “a tradição é na prática a expressão mais evidente das pressões e limites dominantes e hegemônicos. É sempre mais do que um segmento inerte, historicizado; na verdade, é o meio prático de incorporação mais poderoso”, as pessoas incorporam, vivem a tradição com seus valores no cotidiano.

O brinquedo de miriti, atualmente é duplamente central para o município “devido constituir-se em fonte de renda para muitas famílias aquecendo a economia local, e em razão da especificidade e relevância cultural, marcada pela bicentenária tradição e pelo patrimônio cultural” (RIBEIRO; LOBATO; PINHEIRO, 2016, p. 117). A cultura do miriti é mantida por duas associações a ASAMAB (Associação dos Artesãos de Brinquedo e Artesanato de Miriti) e a MIRITONG (Associação Arte Miriti de Abaetetuba), mas há iniciativas independentes.

A tradição do brinquedo de miriti possui alguns elementos estruturantes como a estética, os temas tradicionais e a produção generificada. Os temas tradicionais são aqueles mais procurados pelo público em geral, que traduzem as cenas pitorescas da cultura Amazônica, como a fauna e a flora, o cotidiano ribeirinho com homens e mulheres trabalhando, ou se locomovendo em suas canoas. Em contrapartida, há os temas inovadores que são aqueles produzidos em razão das influências da cultura globalizada, tecnológica e massiva, que chega aos artesãos/ãspor meio dos meios de comunicação. As culturas local e globalse encontram e artesãos e artesãs não tem como fugir desta realidade, pois a modernidade está aí; fugir seria uma missão quase que impossível, visto que os mesmos transitam tanto no espaço privado quanto no público.

2. O brinquedo de miriti como patrimônio cultural imaterial



O brinquedo de miriti é ainda um artefato cultural considerado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como elemento estruturante do círio de Nazaré, umas das maiores festas religiosas do país e patrimônio cultural imaterial do estado do Pará por lei estadual².

O patrimônio pode ser material ou imaterial; no caso do brinquedo de miriti este é patrimônio imaterial, pois o que está sendo levado em consideração não é sua forma palpável, mas sim sua representação, aquilo que o brinquedo de miriti simboliza, um modo de vida, a cultura Amazônica; costumamos sempre dizer que o brinquedo de miriti não se resume a um simples brinquedo, ele é mais que isso, pois possibilita a leitura de significados culturais na palma das mãos. Para Gonçalves (2003), patrimônio cultural material é um conjunto de bens arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos. E patrimônio imaterial são lugares, festas, religiões, músicas, culinária, dentre outros.

Canclini (1989, p. 162) argumenta que o patrimônio “[...] existe como força política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus”, uma das formas de teatralização poderia ser a escola. Aí podemos fazer uma relação com a educação. A educação para Gomes (2007, p. 18) é um processo constituinte da experiência humana, por isso se faz presente em toda e qualquer sociedade. A escolarização em específico é um dos recortes do processo educativo mais amplo. A escola não pode deixar de considerar as questões culturais; e há uma possibilidade ancorada nos PCN’s³, precisamente nos Temas Transversais. Mas infelizmente, mesmo que nos documentos oficiais conste que a escola está em consonância com as demandas atuais da sociedade, no cotidiano escolar o currículo negligencia os elementos e artefatos da cultura; assim, é necessário que o currículo trate de questões que interferem na vida dos alunos e com os quais se veem confrontados no seu dia a dia. O documento Temas Transversais dos PCNs comporta temas como Ética, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, eleitos por envolverem problemáticas sociais e culturais atuais e urgentes, consideradas de abrangência nacional e necessários à formação cidadã (PCNs, 1997). Entre os temas debatidos no Tema Transversal Pluralidade Cultural consta o debate sobre os bens culturais para seu reconhecimento e valorização. É necessário olhar o contexto das culturas, considerando a interação local-global,

² Lei 7.433/2010, classifica como Patrimônio Cultural de natureza Imaterial do Pará o Brinquedo de Miriti, de autoria do deputado Carlos Martins (PT). Disponível em: <http://depcarlospt.blogspot.com.br/2010/07/brinquedo-de-miriti-e-patrimonio.html>. Acesso: 01/08/2017.

³ Parâmetros Curriculares Nacionais.



situando aí o patrimônio cultural, os artefatos, a sala de aula, os aluno e alunas. Para tanto, é preciso reinventar o currículo. Considerando a centralidade da tradição e do patrimônio cultural para a cidade, indagamos: por que o brinquedo de miriti ainda não conseguiu borrar o currículo das escolas municipais de Abaetetuba?

3. Cultura-Currículo: campos de disputa

Antes mesmo de adentrarmos no debate sobre o currículo como um campo de disputa, sentimos necessidade de perpassar pela cultura. A partir da metade do século XX a cultura passa a ser encarada como “um sistema de significações mediante o qual, necessariamente (se bem que entre outros meios), uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 1992, p. 12). Agora, cultura passa a ser compreendida como sistema de significações, e sua definição de produção intelectual tradicional, incluem “[...] desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo e necessariamente extenso” (WILLIAMS, 1992, p. 13). E a cultura começa a ser entendida como um sistema de significações realizado.

Veiga-Neto (2004, p. 53) deduz que o currículo se situa na articulação entre escola e a cultura. Isso significa que a escola ao mesmo tempo produz e reproduz a cultura na sociedade na qual se situa. Em *currículo, cultura e sociedade* ao introduzir a sociologia e teoria crítica do currículo Moreira e Silva (2005) a respeito do currículo questionam: o que é? O que não é? No que está implicado? O que transmite? O que produz? Concluem que o currículo é um artefato social e cultural. Logo, não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder. O currículo transmite visões sociais particulares interessadas. O currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal, pois tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.

O currículo é a seleção de conhecimentos que se movimenta do macro para o micro, ou seja, do sistema para os professores (as). O currículo é uma invenção, uma maquinaria para controlar os corpos, constituindo identidade. Para Moreira e Candau (2007, p. 28) “o currículo representa, assim, um conjunto de práticas que proporcionam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais”, resultando em um dispositivo de grande efeito quanto a construção de identidade dos estudantes, dos professores, da gestão, de todos que compõem o espaço escolar, colocando cada um em seu respectivo lugar.



Vivemos em um contexto histórico onde a relação currículo-cultura não pode ficar fora do currículo; parafraseando Gomes (2007) não é colocar a cultura como tema no currículo, muito menos como disciplina e sim compreendê-la como um eixo que orienta as experiências e práticas curriculares. Auxiliando crianças e jovens na melhor compreensão dos conhecimentos trabalhados em sala de aula. A tarefa não será fácil, pois como trabalhar a cultura do brinquedo de miriti e o patrimônio cultural tendo em vista os inúmeros exames em larga escala?

Os professores (as) estão disciplinados a repassar conteúdos em sala, tendo como guia a avaliação em larga escala, com provas seletivas e hierarquizadas, que visam regular a continuidade do processo de escolarização, definindo o lugar de cada um no contexto escolar. Muitas vezes os instrumentos de avaliação e exames não levam em consideração a realidade sócio cultural dos alunos e alunas, o tempo de vivência na comunidade a qual faz parte. Esse pode ser apenas um dos fatores que contribui para o aumento dos números de repetência, selecionando, classificando e separando os inteligentes dos desinteressados.

É preciso desnaturalizar a escola e o currículo. Gomes (2007) cita Arroyo (2004) quando fala do tempo da escola que é “conflituosa porque é um tempo instituído, que foi durante mais de um século se cristalizando em calendários, níveis, séries, semestres, bimestres, rituais de transmissão, avaliação, reprovação, repetência”. Levando em consideração que o tempo, o espaço da escola e do currículo, não são neutros, mas sim construídos em meio às relações de poder, e aqui visualizamos possibilidades.

Conclusão

O brinquedo de miriti é duplamente central para o município de Abaetetuba, pois tem relevância econômica e cultural e constitui uma tradição bicentenária, com seus elementos estruturantes, como a estética, os temas tradicionais e a produção generificada. Neste trabalho, consideramos também que o brinquedo de miriti é considerado como tradição e como patrimônio cultural imaterial. Porém, mesmo sendo patrimônio cultural ainda não conseguiu borrar totalmente o currículo escolar das escolas municipais de Abaetetuba. Mas não podemos desanimar; vivemos um tempo em que as questões culturais estão causando tensões no currículo, ampliando espaços para que certos artefatos possam fazer parte do currículo como eixo que contribui nas experiências e práticas no cotidiano escolar.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.



BRASIL. **Programa Mais Educação** – Educação Patrimonial. Brasília: Mec, 2013. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMaisEducacao_fas1_m.pdf. Acesso em: 01/08/2017.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 1989.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo**: diversidade e currículo. Brasília: Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, 48p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A. 2003. Pp. 21-29. Disponível: <http://gestaocompartilhada.pbh.gov.br>. Acesso: 01/08/2017.

HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. Sociologia e Teoria Crítica do Currículo: uma Introdução. In: MOREIRA, A. F. SILVA, T. T. da (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. Tradução de Maria Aparecida Baptista. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo**: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 48 p.

RIBEIRO, Joyce; LOBATO, Lídia; PINHEIRO, Madna. O brinquedo de miriti como patrimônio cultural e o imperativo de educação patrimonial. In: RIBEIRO, J.; LOBATO, V.; SILVA, D. (Orgs.). **Educação e Cultura**: conexões teóricas, práticas e reflexivas. Campinas: Pontes Editores, 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura e currículo: um passo adiante. In: MOREIRA, A. F. B.; PACHECO, J. A.; GARCIA, R. L. (Orgs.). **Currículo**: pensar, sentir e deferir. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.